

Memorial Mulher



- Alcina Rocha Loures Gaspari
- Alice Jhlenfeld
- Anazilia Pinto Araújo
- Ambrosia Ana Sabatowycz
- Anslia Sant. Ana Fischer
- Charlotte Balenberg Pioli
- Egidia Papalco Porto
- Edy Santos da Costa
- Gemma Ballardini Benghi
- Helena Lima Klotz
- Hilda Tarlombani Wengerkiewicz
- Irene Rucinski
- Jvette Mazalli
- Juvelina de Jesus Venâncio
- Joselina Ayub Swierk
- Lili Matzembacher
- Maria Belizária da Luz
- Maria Carrer Savi
- Maria Groth
- Maria Tereza Bieberbach
- Neli de Oliveira Melo Sicuro
- Olga Ana Olienick
- Ondina Silva Chinkevich
- Yeda Cordeiro Ramirez
- Zelir Pelegrini

Alcina Rocha Loures Gaspari

02/05/1910

Leni Trentin Gaspari

Alcina Rocha Loures nasceu na cidade de Nonoai, no Rio Grande do Sul, em 02 de maio de 1910 e faleceu em Curitiba, em 17 de outubro de 1999. Seus genitores: Francisco Rocha Loures e Juvência Wincler Rocha Loures. No final dos anos 20 do século passado, seu pai era Coletor Estadual de Impostos, e por conta disso residiu em várias cidades no interior do Paraná, inclusive em Mallet e União da Vitória, e os filhos que desejavam estudar foram para cidades maiores.

Num tempo em que os costumes e as atividades para as mulheres restringiam-se ao espaço privado do lar, a jovem Alcina tinha o desejo de fazer algo mais pela sociedade e pelas crianças e assim segue em busca da realização do sonho de tornar-se professora. Passou a residir em Ponta Grossa, morando com uma amiga da família para estudar e obter o diploma que lhe permitiria dedicar-se ao ensino.

Foi nomeada professora em 19 de julho de 1930, pelo Decreto n.º 1360, designada para trabalhar no Grupo Escolar “Professor Serapião”, em União da Vitória. Conforme consta no Livro de Registros de Promessa Legal, n.52, do ano 1930, a Professora Alcina Rocha Loures assinou o Termo de Promessa, cujo teor era o seguinte:

Cos onze dias do mês de agosto de mil novecentos e trinta, perante mim, Diretora do Grupo “Prof Serapião” e Jardim da Infancia a prof normalista Alcina da Rocha Loures que proferiu o seguinte: “Prometto respeitar as leis da República e do Estado, observar o regulamento do Ensino, cumprir as determinações da Secretaria do Jardim da Infancia e seus deveres do cargo da professora deste estabelecimento com zelo, dedicação e patriotismo”.

União da Vitória, 11 de agosto de 1930.

Meyriane de França Souza - Diretora

Alcina Rocha Loures – Nomeada

Nessa mesma escola trabalhou até sua aposentadoria como mestra dedicada que amava ensinar os pequeninos que lhe eram confiados.

Contraiu núpcias com Ivannóv Gaspari, conhecido como Vaninho, em Curitiba, em 30 de dezembro de 1931, passando a ter acrescido a seu nome o sobrenome do marido: Gaspari. Dessa união tiveram quatro filhos: José Leônidas, Leny Therezinha, Lizete Maria e Edson Rubens. Sua extrema dedicação à família em nada atrapalhou sua vida profissional. Seus alunos, hoje idosos, falam dela com carinho sobre sua conduta

como professora que ia além do seu dever de ensinar, tratando as crianças com igualdade e respeito.

No ano 1956, após 26 anos de dedicação ao Magistério, aposentou-se. Nos registros oficiais conta-se com 30 anos de trabalho, porque à época, a professora que não usufruísse o benefício da Licença Prêmio poderia transformar aquele tempo para acervo, diminuindo o tempo de serviço para sua aposentadoria. Isso ocorreu com prof.^a Alcina.

Em sessão festiva recebeu uma bela homenagem da sua Diretora Maria Araújo Ribas com o título de Honra ao Mérito, pelos serviços prestados à Educação. Acervo: Livro de Registro de Honra ao Mérito. p.01, 1956, Escola Prof. Serapião.

Na qualidade de Diretora deste Estabelecimento de Ensino cumpro – me consignar neste Livro de Honra ao Mérito , um voto de louvor a professora normalista Alcina Loures Gaspari , hoje aposentada, pelo trabalho a infância , tendo por esse motivo sido merecedora do respeito e admiração geral. União da Vitória, dezembro de 1956.

Diretora: Maria de Jesus Araujo Ribas

Professora: Alcina Loures Gaspari

Foi homenageada igualmente pelas amigas e no seu discurso de agradecimento Prof.^a Alcina manifestou o amor pelo Grupo Escolar e pelas colegas de magistério. Emocionada ela agradeceu em seu pronunciamento:

Esta homenagem é para nós da velha guarda deste saudoso e inesquecível Grupo Escolar Professor Serapião, uma elevada distinção e manifestação de carinho e honra que nos torna gratas e produz em nós tanta emoção. [...] Minha linguagem comovida me torna impotente para corresponder com lhaneza a gentileza de uma significativa demonstração de amizade. É um gesto que nos comove e nos deixa profundamente sensibilizadas.



Da direita para esquerda: professoras Zoraide B.de Oliveira, Clementina Lona Costa, Alcina Rocha Loures Gaspari, No outro lado da mesa: Hulda B Liegel (Duas não identificadas)

Aposentada passou a conviver mais com as filhas e netos que moravam em outras cidades, sendo presença constante, dando apoio e aconchego a sua família que ela tanto amava, como aponta sua filha Lizete: “Nossa mãe foi aquela mulher maravilhosa que sempre teve tempo e amor para nos dar. Pequenina no tamanho, mas gigante em espírito e força interna. Tinha no seu abraço o poder de nos acalmar e no sorriso o poder de nos confortar”.

Assim era Alcina, conhecida por todos como Cindoca: amorosa, acolhedora e generosa, sempre pronta para auxiliar quem necessitava. Dedicou-se por muitos anos a preparar um remédio natural que curava bronquite de crianças e adultos, distribuídos gratuitamente. Em 1983, com a saúde um pouco frágil, ela e o esposo foram morar em Curitiba, pela facilidade de acompanhamento dos médicos do casal. Tal mudança deixou um vazio para os familiares e amigos da cidade de União da Vitória e Porto União, principalmente para aqueles a quem ela distribuía remédios, alimentos e agasalhos. Por toda sua dedicação ao trabalho, à família e à comunidade merece ter seu nome imortalizado no “Memorial da Mulher”, em Porto União.

Alice Ihlenfeld

15/12/1934

Fahena Porto Horbatiuk

Alice faz pensar na infância, nos contos de fada, nas historinhas e naqueles fatos que nos transportam no tempo, fustigando a memória e as emoções. Quem de nós não possui umas fotos com a inscrição em alto-relevo do nome, muito significativo, Foto Íris?

Logo vem-nos à memória a cena da ocasião em que foram feitas aquelas fotos e, sem dúvida, surge a figura feminina, decidida, competente e delicada, de D. Alice, a fadinha que passou a fazer parte de todos os eventos. Uma ajeitadinha no véu da noiva, uma posição especial em frente do altar, um olhar cheio de luz, um sorriso. Sempre paciente, uns flashes aqui ou ali denunciavam sua discreta presença.

No seu atelier, todo zelo pela qualidade e pelo afeto. Cavalinhos e outros brinquedos para crianças, trajes especiais, espelhos, de forma que as fotografias de D. Alice são históricas e humanizadas, cheias de vida.

Sem perceber, por 55 anos, Alice registrou fatos da história local, que merecem ser deslindados por pesquisadores atentos e interessados em compreender o que se passava e que as fotos testemunham. Seja como recordação e documentação familiar, seja como meio de informação e divulgação de fatos, seja como obra artística, o importante é que, como diz Boris Kossoy: “Na foto se dá a perpetuação de um momento, em outras palavras, da memória do indivíduo, da comunidade, dos costumes, da paisagem urbana, da natureza.”

Alice é filha de Carlos Rothembücher e de Lídia Rockembach. Casa-se com Carlos Egon Ihlenfeld, em 1953 e, com ele, veio seu novo ofício e arte, seu papel social intenso. Registrou, com o mesmo equilíbrio e competência, milhares de casamentos, dos mais simples aos mais suntuosos; glamurosos bailes de debutantes, solenes inaugurações, encontros com figuras políticas de destaque nacional, desfiles cívicos, cenas esportivas. No início, os clientes, estranhando a presença da fotógrafa, reclamavam, dizendo terem contratado o fotógrafo, mas, aos poucos, Alice conquistou o reconhecimento, por sua habilidade na profissão. E seu marido passou a ocupar-se mais com a revelação das fotos e outras atividades relacionadas à vida da empresa.

A motivação para o trabalho e os ensinamentos vieram de seu sogro, Carlos Ihlenfeld, pioneiro do ramo, em nossa região, que aprendera com seu padrao, Belmiro Sampaio, a partir dos 12 anos de idade, com muito empenho, estudando a tecnologia alemã.

Foto Íris completou 100 anos de existência, cem anos acompanhando a vida da também aniversariante União da Vitória – quando a cidade completava seus 122 anos de emancipação político-administrativa.

Homenageando D. Alice Ihlenfeld, homenageamos todo o povo união-vitoriense, lembrando que, todos juntos, possuímos um acervo de fotos que podem explicar quem somos e para onde vamos.

Alice e Carlos Egon têm três filhos: Luiz Carlos (falecido a 8/3/72); Renate (professora e pesquisadora, vice-presidente da Academia de Cultura precursora da Expressão – Acupre; e Alberto Egon, que continua os trabalhos da família, com o Foto

Íris). São netos da fotógrafa: Adriane Hagedorn Perini, jornalista de moda; Walter e Mateus Ihlenfeld, estudantes.

O foto Íris viaja no tempo, de Carlos Ihlenfeld, a Carlos Egon e Alice Ihlenfeld, e, hoje, a Alberto Egon e Daniela Ihlenfeld.

- Este artigo é uma homenagem da Academia de Letras do Vale do Iguaçu, no mês do aniversário de União da Vitória, redigido por Fahena Porto Horbatiuk.

Amazília Costa Pinto Araújo

08/03/1885

Cordovan Frederico de Melo Junior

Amazília Costa Pinto Araújo nasceu em Antonina (PR) em 08 de março de 1885. Nesse final do século XIX o acesso aos estudos, mesmo primário, era muito restrito. Os índices de analfabetismo eram, à época, quase totais, principalmente entre as mulheres. Pelo destaque que alcançou no curso primário, Amazília conseguiu a difícil vaga na Escola Normal Secundária, em Curitiba, hoje Instituto de Educação então a única do Estado. Formada, em 1904 foi nomeada para União da Vitória, para onde se mudou trazendo para cá os seus familiares - a avó, uma tia, uma prima, a mãe e três irmãos menores. Foi a primeira professora normalista da cidade.

Em 1910, contraiu núpcias com o senhor Antônio Araújo, natural de Guarapuava e teve quatro filhos, Zailda Araújo Rodrigues, Darcy Araújo, Maria de Jesus Araújo Ribas e Octávio de Araújo. Em 1913, lecionou no Grupo Escolar, que fora edificado para receber o nome de “Professor Serapião”. Mas, em virtude do acordo de limites do Paraná e Santa Catarina, tomou o nome de “Balduino Cardoso”. Em 1916, o destino feriu-lhe fundo, roubando a vida de seu esposo. Viúva, com o pesado encargo de quatro filhos menores, consagrou toda a sua existência entre a escola e a família.

Em 1917, passou a trabalhar no “Grupo Escolar Professor Serapião”, e em 1920 foi designada para dirigir interinamente esse educandário e pelo Decreto nº 40, de 04 de janeiro de 1929, foi nomeada para reger um das classes da escola complementar desta cidade. Aposentou-se em 1936.

Os seus conhecimentos para aqueles tempos eram muito profundos não só nas matérias tradicionais, mas também em álgebra, ciências e francês, que com dedicação, e amável e respeitosa energia transmitia aos seus alunos. Graças a essa dedicação, muitos de seus alunos, finda a 5.ª série, tinham, pela bagagem intelectual amealhada, a possibilidade de prosseguir os estudos e diversos se formaram em Medicina, Agronomia, Engenharia ou ingressavam na Escola de Oficiais do Exército. Um deles, o Engenheiro Algacir Stengel Guimarães foi Secretário de Estado e Vice-Governador do Estado. O seu sobrinho, General Ítalo Conti, recentemente falecido, foi em diversas ocasiões, Deputado Federal e Secretário de Estado. Alguns de seus alunos foram Prefeitos da cidade. Foi, também, uma das fundadoras e dirigentes da Associação de Proteção à Maternidade e à Infância, entidade ativa até os dias de hoje. Viúva aos 31 anos consagrou a sua vida à Escola e à árdua tarefa de criar os filhos.

De 1904 a 1913, desempenhou as suas funções de Professora em local sem as mínimas condições para abrigar uma Escola. Lecionava então nos dois períodos, a oitenta alunos, com a responsabilidade de orientar, educar e formá-los em todas as séries. Faleceu a veneranda Mestra em 28 de dezembro de 1938 em Curitiba. Um ano após, o Prefeito de então, Astolfo Macedo de Souza, pelos relevantes serviços prestados à cidade, principalmente no setor de instrução, a homenageou, a uma das principais ruas da, o nome de Professora Amazília. Os restos mortais foram trazidos de Curitiba para esta cidade no ano de 1954.

Ambrósia Ana Sabatovycz

02/08/1894

Marli Terezinha Andrucho Boldori

Irmã Ambrósia Sabatovycz nasceu no dia 02 de agosto de 1894, em Turyнка, na Ucrânia Ocidental. Foi batizada e crismada na igreja local do rito oriental bizantino católico, recebendo o nome de Ana. Seus pais, como tantos outros lavradores ucranianos, forçados pela falta de terra para cultivar, juntaram-se aos grupos de imigrantes que saíam da Ucrânia em busca de melhores condições para viver, trabalhar e garantir o futuro dos filhos

Nicolau e Justina, pais de Ana, trazendo o primogênito João de 4 anos e Ana com um ano, após muitas dificuldades se estabeleceram, em setembro de 1895, nas imediações de Prudentópolis.

Atingindo a idade requerida, Ana foi admitida à Primeira Eucaristia, fato que marcou intensamente a sua alma. Aos poucos foi despertando e fazendo amadurecer nela a semente da graça da vocação religiosa.

No dia 28 de agosto de 1917, Ana com 22 anos, despediu-se de seus pais e irmãos e seguiu para o noviciado das Irmãs Servas de Maria Imaculada. Com a entrada no postulando, Ana começou seriamente o importante trabalho da sua formação religiosa, sob a orientação da serva de Deus, então Mestra do Noviciado, Irmã Anatólia Bodnar. No dia 15 de fevereiro de 1918, ela vestiu o hábito religioso. Ela adotou o nome religioso de Irmã Ambrósia em honra do grande Santo Ambrósio. Sendo fiel nas menores coisas, cresceu o seu espírito a ponto de entregar a vida pelo próximo, no fatídico incêndio em Cruz Machado, que na época fazia parte do município de União da Vitória.

Estava sempre pronta para ser enviada em missão, trabalhou em diversas comunidades da Província. Humilde e modesta passou a vida inteira trabalhando na cozinha e exercendo outros serviços domésticos, as crianças que estavam no internato ficavam sob a sua responsabilidade. Nos últimos dias de sua vida exerceu a função de enfermeira, medicando, fazendo curativos, até suturando pequenos cortes de acidentados, era especial no atendimento aos enfermos, como não havia médicos ela se desdobrava para dar conta de todas as suas tarefas, era polivalente na comunidade.

No dia 22 de dezembro de 1925, data de sua Profissão Perpétua, de sua doação a Deus até à morte. Na noite fatídica, Irmã Ambrósia sentiu o cheiro da fumaça começou a gritar por socorro e avisando que havia fogo. Tentou socorrer as meninas, mas já era tarde, ela percebendo que era tarde, gritou: “Irmãs, para a janela!”. Três Irmãs pularam de uma altura de seis metros e meio. Irmã Ambrósia ficou sozinha com as meninas lutando contra o fogo, não havia mais saída tentou salvá-las, mas foi em vão, pois foi consumida pelo fogo segurando a menor delas, foram encontradas nesta posição carbonizadas. Os restos mortais das seis meninas e da Irmã Ambrósia repousam no cemitério de Rio das Antas, que se encontra próximo à igreja e da atual casa das Irmãs.

“Ninguém tem maior amor que aquele que dá a vida por seu irmão”.

Cruz Machado era município de União da Vitória - PR.

Anália Sant'Ana Fischer

03/06/1904

Leni Trentin Gaspari

Nos anos 30, do século XX, em Curitiba, vivia Anália Sant'Ana Fischer, parteira diplomada que atendeu inúmeras mulheres nas cidades de Porto União e União da Vitória, sobre a qual faremos a seguir algumas considerações a partir de relatos obtidos por intermédio da sua nora Jacira Ayres Fischer e de relatórios da UFPR. Anália nasceu em Palmas, em 03 de julho de 1904. Filha de Sancia Motta Sant'Ana e Ricardo Motta Sant'Ana. Alegre e amorosa sempre teve bom relacionamento com os familiares, tinha três irmãos, Ivo, Antônio e Joaquim, sendo ela a segunda filha na ordem dos nascimentos.

Casou-se com João Fischer e teve os filhos: Nancy, Odete e Ney. Dona Anália passou por dois traumas muito grandes. Sua primeira filha faleceu com quatro anos em um acidente na inauguração do Cine Avenida Garcez em Curitiba e sua segunda filha aos oito meses de idade, em consequência de uma desidratação. Essas perdas lhe causaram imensa dor, mas nunca abalaram sua fé. Sempre encarou a vida com otimismo dentro de princípios morais elevados, agindo com retidão em todas as situações. Teve grande alegria com seu filho Ney, que cresceu saudável, inteligente e formou-se em Odontologia, para seu orgulho.

Dona Anália era uma pessoa sensível e generosa, sempre preocupada em fazer o bem ao próximo. Amava a doutrina espírita, que abraçou com dedicação. Morou em Ponta Grossa de 1941 a 1947, fazendo atendimento à comunidade.

Anália Parteira: como tudo começou?

Estudar, trabalhar e ter direito ao voto em 1932 foi fundamental para ampliar a visão das mulheres sobre sua participação na sociedade. Algumas vão à Universidade buscando conhecimento científico e inserem-se nos diferentes campos do saber, como fez nossa querida Anália.

Seu amor pelos bebês a fez matricular-se do Curso de Enfermagem Obstétrica (1932 a 1951) na Faculdade de Medicina do Paraná/ Maternidade Victor do Amaral, em Curitiba. Esse Curso surgiu da necessidade de formar pessoas interessadas a entrar nesse campo, mas também para preparar adequadamente as parteiras que já exerciam essa profissão como parteiras práticas, mas sem habilitação.

Nesse contexto Anália ingressa na segunda turma do curso em 1932, mostrando determinação e coragem, pois certamente ela sabia que a jornada de estudos não seria fácil, tendo em vista seus compromissos como esposa e mãe. Seu filho Ney nasceu em 1931, e tinha um ano quando ela inicia o curso tão desejado. O Curso era difícil e com muitas exigências, mas nada impediu que em 1934, Dona Anália o concluisse e recebesse o Diploma **de Enfermeira Obstétrica**. Foto abaixo:



A parteira Anália Sant'Ana Fischer registrou seu Certificado no dia 29 de janeiro de ano de 1940. Atribui-se a demora em providenciar o registro ao fato de ela estar com filhos pequenos e acredita-se que deu um tempo para sua vida pessoal antes de iniciar-se na profissão. Começou a exercer a profissão na cidade de Morretes em 1940 onde residiu por um ano até 1941. Mudou-se para Ponta Grossa e lá morou de 1941 a 1947, fazendo atendimento à comunidade. Ao final de 1947 veio residir em União da Vitória, fixou domicílio e deu continuidade ao seu trabalho na “arte de partejar”, por incansáveis 21 anos dedicado às mães e aos bebês. Seu diploma de Enfermeira Obstétrica lhe dava autonomia para ter um consultório no qual atendia as gestantes com orientações básicas ao período de gravidez bem como atender em domicílio e às chamadas da comunidade.

Dona Anália era uma mulher muito religiosa, espírita convicta, exerceu trabalho humanitário em União da Vitória, passou a atender muitas famílias carentes e ficava triste e consternada com a realidade de algumas famílias. Foi então com o coração cheio de compaixão que idealizou o grupo “Servidores de Jesus”, no qual algumas mulheres reunidas faziam enxoval para as crianças carentes.

A semente do bem que ela plantou germinou e transformou-se em lindas e perfumadas flores que por tantos anos vêm agasalhando e confortando mães de pouco poder aquisitivo no aguardo dos seus bebês. Essa ideia que Dona Anália teve foi certamente inspirada pela sua profissão de parteira, a qual ela exerceu com muita abnegação.

Cheia de graça e benéfica (simbologia do seu nome) era respeitada e admirada pela comunidade. Ingressou na Associação de Maternidade à Infância na década 50

onde fez inúmeros partos, sendo um grande apoio aos médicos e às jovens futuras mães que ali chegavam.

Em 04 de outubro de 1962 a “a pequena graciosa”, mas grande nas suas realizações, faleceu deixando bons exemplos, e muitos amigos. Mulher guerreira que mesmo tendo perdido duas filhas não esmoreceu e colocou a sua dor a serviço daqueles que dela precisaram no transcorrer de sua existência, tanto no aspecto profissional quanto no aspecto religioso. Deus era sua força e os ensinamentos de Jesus nortearam sua caminhada.

Charlotte Balemberg Pioli

03/04/1890

Leni Trentin Gaspari

Para escrever sobre Charlotte ou Carlota como era chamada, fiz uso de documentos e informações das suas netas Eronita S. de Lima e Hedenir S. Zortea. Carlota nasceu em 03 de abril de 1890, na cidade de Lapa. Descendente de alemães, recebeu na família educação primorosa, nos padrões da época, complementada pelos estudos na Escola Alemã, em Curitiba, a qual ensinava também às crianças música e teatro, despertando nelas o gosto pelo belo, pela arte e a sensibilidade. Essa sensibilidade, segundo familiares que conviveram com a Carlota, era algo inerente a sua personalidade, na sua forma de ver o mundo, de convivência com familiares e amigos e, principalmente, no exercício de sua profissão de parteira.

Em 1906, Carlota casou-se com o Sr. Paulo Pioli, na cidade de São Mateus do Sul e, logo em seguida, veio residir em União da Vitória, passando a dedicar-se a atender mulheres gestantes da região de Porto União e de União da Vitória. Pela sua dedicação ao trabalho, disponibilidade para atender às mulheres e o seu amor pelas crianças, a comunidade deu-lhe o apelido carinhoso de “Dona Cegonha”, como lembram seus familiares.

Aproximadamente três mil e quinhentas crianças nasceram sob seus cuidados no período de 1909 a 1960. Esses registros foram feitos por ela em livros destinados especialmente para esse fim e pertencem ao acervo da família. Carlota teve cuidados e atenção especial, pois consultando o livro pessoal de seus registros constato, nas suas anotações, os nomes dos pais, cidade, data e local de nascimento, sexo, bebês prematuros, natimortos e os bebês com peso acima do normal, cinco a seis quilos.

Os primeiros registros são do nascimento de seus filhos 1907 a 1921 – nove crianças que, com exceção do primeiro, foi ela mesma que fez os partos. A partir de 1925, inicia suas atividades profissionais no Hospital São Braz, lá permanecendo até os anos de 1960. Percebo sua preocupação no atendimento das parturientes, pois em casos em que houve a necessidade da intervenção dos médicos, eles foram chamados. Ela menciona no livro de anotações o nome de vários médicos das nossas cidades que atenderam com ela os casos mais difíceis, entre eles destaca: Dr. Lauro Muller Soares, Dr. Braz Limonge, Dr. Nicolau Bukchavani, Dr. Oscar Gaier, Dr. Alvir Riesemberg e Dr. Costa Neves.

Trabalhando no hospital ou nas residências das mulheres que atendeu, Carlota conquistou a admiração e respeito dos moradores locais. Personalidade forte, decidida e generosa sempre pronta a atender quem precisava de seus cuidados, atravessou muitas vezes o Rio Iguaçu, não importava a hora, utilizando canoas para travessia.

Uma vida dedicada às mães e bebês. Faleceu em 1978 e pelo Projeto de Lei n.º 011.78, de agosto de 1978, foi denominada de “Carlota Pioli” uma das ruas da cidade de União da Vitória. Na justificativa do projeto, apresentado pelo Vereador Lari Bogus, consta:

Dona Carlota, “a Cegonha” como era conhecida [...] exerceu a profissão, quando tudo era feito na base do amor ao seu semelhante. Poucos eram os recursos técnicos que dispunha além da dedicação, do carinho e

devotamento que dedicava as suas pacientes. [...] nada mais justo Srs Vereadores do que perpetuar na história de nossa cidade, o nome de Carlota Pioli, dando seu nome em uma das vias públicas de União da Vitória. Com este gesto estamos prestando uma homenagem póstuma das mais precisas e justas e acreditamos ainda, que vamos de encontro às homenagens que milhares de seres humanos trazidos ao mundo pelas suas mãos, desejariam prestar a sua Cegonha. (UNIÃO DA VITÓRIA, 1978).



Acervo da família. Sra. Charlotte Balemberg Pioli “Vó Carlotinha”.

Do espaço social do qual Carlota fez parte até 1978, foi escrito após seu falecimento uma mensagem, no Jornal O Comércio, cuja parte inicial transcrevo aqui: *“Que se repitam mulheres como você, que se repitam lições de vida como a sua. E os pequenos de espírito, diante do exemplo que você deixou, procurarão ser grandes e tocar as estrelas como você o fez”*.

Edy Santos da Costa

26/02/1933

*Leni Trentin Gaspari
Maris Stela da Luz Stelmachuk*

Edy nasceu em Porto União- Santa Catarina, em 26 de fevereiro de 1933. Filha de Artur Joslin Santos e Edith Santos. Muito inteligente, desde cedo dedicou-se aos estudos e à leitura de obras clássicas, incentivada pelos pais. Começou sua vida escolar no Jardim de Infância da Escola Alemã, situado à Rua 7 de setembro em edifício que abrigou por muito tempo a Prefeitura Municipal de Porto União. Em seguida, no Colégio Balduino Cardoso, no Colégio Santos Anjos e Colégio Estadual “Túlio de França”. Dedicou-se também à música, alegrando a casa ao dedilhar, com sentimento, lindas músicas ao piano.

Jovem sensível e culta entendeu que precisava alargar seus horizontes no campo das reflexões metafísicas e corajosamente decide ir morar em Curitiba, apoiada pelos pais. Vale ressaltar que essa decisão não era comum nas famílias das cidades do interior. Mas ela foi uma mulher adiante do seu tempo! Uma das primeiras jovens a sair de Porto União para estudar fora. No período de 1949 a 1951 estudou no Colégio de Nossa Senhora de Lourdes, em Curitiba. Em seguida, cursou Filosofia na Universidade Federal do Paraná, sendo uma das primeiras mulheres a realizar este feito, concluindo em 1954 o bacharelado em Filosofia e, em 1955, a Licenciatura em Filosofia.



Nesse mesmo ano, no dia 11 de junho, contraiu núpcias com o Dr. Cyro Sebastião da Costa. Tiveram três filhos: Arthur José Santos da Costa, Desirê Santos da Costa e Cyro Sebastião da Costa Filho. Observe-se que sua vida era bem movimentada, mas ela achava tempo para cuidar da família e da sua vida profissional.

Dedicou-se ao magistério no Curso Ginásial e Ensino Médio ensinando História e Filosofia. Sua paixão por essas áreas entrelaçou-se com a paixão pela arte de ensinar. Seus alunos foram tocados por essa magia, amando também essas disciplinas... me incluo aqui. Em 1960 foi criada a Faculdade Estadual de Filosofia Ciências e Letras de União da Vitória, ela foi uma das professoras fundadoras, nomeada como professora Catedrática da Cadeira de História da Filosofia. Entre 1967 e 1968 houve o processo de reconhecimento dos cursos de História e Pedagogia, da FAFI pelo Ministério da Educação, cujo trâmite teve muitas idas e vindas. Em uma destas idas ao Ministério da Educação, Edy participou da comissão que era composta pelo professor João Hort, professoras Ivete Mazalli e Célia Stahlschmidt.

Além de professora também exerceu funções inerentes à chefia do Departamento de História, sempre com lisura e competência que lhe era peculiar.

A dedicada mestra, sempre imbuída pelo sentimento de aprender mais e principalmente de ajudar o próximo, decide tornar-se Psicóloga e, em 1975, retorna para Curitiba e ingressa na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade “Tuiuti”, concluindo em 1978. Ainda no período de 1976 a 1978, faz um Curso de Especialização: Psicodrama Pedagógico.

Portadora desses novos conhecimentos dedicou-se ao campo da Psicologia Escolar na APAE de Porto União, e ali também exerceu o cargo de Presidente. Proferiu inúmeras palestras na comunidade e realizou vários cursos sobre a “Psicologia do deficiente mental”, termo da época (hoje seria de pessoas especiais) e “Psicologia da Velhice”. Fundou o “Instituto Psicologia Personas” em Porto União, no qual foi Diretora e o primeiro “Núcleo de Psicodrama”, vinculado àquele Instituto.

Em 1986 mudou-se para Curitiba, dedicando-se exclusivamente ao estudo e pesquisa da Psicologia relacionada à Educação, com objetivo de escrever uma obra. Entretanto deixou fragmentos, infelizmente inacabados, em virtude de sua morte prematura, ocorrida em 23 de novembro de 1993. Com apenas 60 anos ela partiu, deixando exemplos edificantes de amor ao estudo, ao trabalho e aos seres humanos. Prof.^a Edy Santos da Costa, exemplo de mulher! Patrona da Cadeira n.19 na Academia de Letras do Vale do Iguaçu, ocupada pela Prof.^a Ms Leni Trentin Gaspari, desde o ano de 2000. Também permanece entre nós e na vida cultural das cidades, pois em 2011 passou a ser nome de biblioteca situada ao lado da sub prefeitura do distrito de São Cristóvão, na rua Júlia Amazonas. Seu nome foi escolhido por ter sido uma mulher de personalidade marcante pelo pioneirismo e dinamismo com que sempre se dedicou aos trabalhos que abraçou.

Agradecemos aos filhos Arthur e Desirê pela gentileza e disponibilidade em nos fornecer preciosas informações e documentos para a realização desta breve biografia.

Fontes:

(<http://amsulpar.com.br/sem-categoria/uniao-da-vitoria-comemora-122-anos-cheia-de-bons-motivos/>). Acesso em 07 de abril de 2020.

METELSKI, Michele. O processo histórico de criação e formação do curso de Pedagogia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de União da Vitória. Disponível em http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada11/artigos/4/artigo_simposio_7_467_profissionalmichele@hotmail.com.pdf. Acesso em 07 de abril de 2020.

http://uniaodavitoria.pr.gov.br/files_uniao_vitoria/uploads/2011/01/lei-4002-2011.pdf. Acesso em 01 de agosto de 2020.

Egídia Papaleo Porto

06/01/1917

Fahena Porto Horbatiuk

Egídia Papaleo Porto, filha de Egydio Papaleo e de Francisca Ernestina Lopes, natural de Recreio, MG, nascida a 6 de janeiro de 1917, cursou o primário em Palma, MG, e a Escola Normal em Miracema, RJ, concluindo esse curso em 1935. Seu pai era italiano e sua mãe brasileira.

Possuía curso de Corte de Costura, pela Academia de Corte e Costura Malvina Kahane, RJ; Corte, Alta Costura e Chapéus, pela Escola Guanabara, RJ; Curso de Catequética, por meio do Colégio Santos Anjos, de Porto União, SC; Curso de Matemática Moderna, pela Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Paraná. Após haver lecionado no Estado do Rio de Janeiro, e tendo-se casado com Amaury Porto, veio para o sul, tendo sido nomeada professora no Estado do Paraná, na gestão do Prefeito José Cleto, pelo decreto n. 8272 de 29/09/1949.

Lecionou na Escola Isolada Colônia Vitória; Escola Isolada Colônia Amazonas; Escola de Aplicação José de Anchieta; Grupo Escolar Astolpho Macedo de Souza; Grupo Escolar Prof.^a Clementina Lona Costa; Escola Normal Prof.^a Amazília, em União da Vitória, PR.

Lecionou também na escola primária e em curso de Exame de Admissão ao Ginásio, do Colégio Santos Anjos (Porto União SC); e no Externato Santa Terezinha, que era uma extensão do Santos Anjos, em União da Vitória (PR). Por muitos anos preparou alunos para o Exame de Admissão ao Ginásio, em sua própria residência, à Rua Cel. Belarmino, Porto União (SC).

Egídia era muito dedicada a seu trabalho, era uma professora que se baseava na pedagogia do amor exigente. Os alunos aprendiam e eram muito amados por ela. Mesmo depois de parar de lecionar, lembrava de todos eles com muito carinho.

Quando veio morar na cidade de União da Vitória, porque suas filhas precisavam cursar o Ginásio, ainda por um tempo ia para a escola do interior (a cavalo), enfrentando temporais, em uma época em que as estradas não eram asfaltadas. No período em que residiu no interior, para vir à cidade, fazia o mesmo, sem medo, ela que fora educada no mundo da cultura e da arte no Rio de Janeiro.

Nesses interiores onde trabalhou tornou-se líder, fazendo campanhas de vacinação, orientando o povo nos cuidados contra vermes, piolho, bicho-de-pé, tuberculose, etc. Cooperava com eles para que fizessem seu título de eleitor, cortava-lhes o cabelo, costurava-lhes roupas. Até parto chegou a fazer. Aqui na cidade, quando residia longe do centro, fazia os trajetos de bicicleta, também fazendo esforço, sob sol ou chuva, e, o principal, sem reclamar, feliz por estar atuando naquilo de que mais gostava.

Mãe extremada de quatro filhas: Diana, Fahena, Taís e Suli, zelava para que recebessem o maior tesouro – a educação e a fé. Com sacrifício, colocou-as no Colégio Santos Anjos, para que aproveitassem ao máximo os estudos e os valores ensinados.

Por ocasião da escolha do nome para a Escola José de Anchieta, foi ela que liderou a proposta desse nome, que defendeu junto à comunidade estudantil. Como Secretária na Escola Normal Prof.^a Amazília, lecionou também a disciplina de Artes.

Na verdade, era uma artista: costura, crochê, tricô, teatro, canto, desenho, gosto por música e por filmes eram seus atributos. Quando criança, seu pai era responsável por exibir filmes no Rio de Janeiro, e ela criou-se admirando a Sétima Arte. Com a mãe aprendeu a fazer doces, principalmente, balas. Entre elas os famosos “beijinhos-davovó”, balas de leite e mel. A Escola Normal que ela cursava funcionava em dois turnos e incluía no currículo: desenho, artes, esportes e música. Letra e música do Hino da Escola Clementina Lona Costa são de sua autoria.

Egídia dava-se bem com suas colegas professoras. E jamais se ouviu dizer que ela não gostasse de alguém em nosso meio, nem que reclamasse do excesso de trabalho. Tinha vontade férrea e um entusiasmo nato. Profundamente religiosa, vivia sua espiritualidade de modo peculiar, cultivando virtudes, fazendo penitências, frequentando a Igreja Católica, lendo a Bíblia.

Possuía um patriotismo a toda prova, cantando com muito gosto o Hino Nacional, e os hinos do Estado e do Município. Tinha muita consciência de cidadania e responsabilidade com sua comunidade. Seu amor à pátria era demonstrado com ardor durante as Copas do Mundo, torcendo pelo Brasil. E ensinou seus bisnetos, pequeninos ainda, a cantarem, entre outras canções, o Hino Nacional.

Ao ficar vovó, começou a dividir seu tempo no cuidado dos netos, colaborando com as filhas. Nesse tempo, lecionava na Escola Clementina Lona Costa, perto da qual residia.

Em 1980, falece Amaury Porto, seu esposo, que fora criador de gado, lavrador e comerciante. Com a enchente de 1983, Egídia muda-se para Florianópolis, onde já residia sua filha Diana, acompanhando as netas Gígi Anne e Tônia Andrea, filhas da Fahena, que iam fazer o Curso Superior na UFSC.

Contava entre seus amigos, Celina e José Cleto, Dr. Cordovan de Melo e sua esposa Hilda Melo, Dr. José Moura, Dona Zelinda Macheli, D. Hermínia de Castro Machado, D. Leonice Martins Hirsh, Prof.a Terezinha Leoni Wolff, Prof.a Helena Bona e Amadeu Bona, Prof.a Neusa Canelas, Dr. José Jorge, Prof.a Teresinha Moreira, Prof.a Helena Klotz, as Irmãs do Colégio Santos Anjos, entre elas a Irmã Mariegídia, Francisco Filipak, Eugênio Schuwaloff, Prof.a Ely Ladzuk, Ernesto Breyer e esposa, Adolfo Siebeneichen, Ari Milis, Airton Martins, , Jacó e Olga Tauille, Andregotti, Gregório Hordy, Família De Cristo, Família Araújo, Prof. Abílio e Maria Heiss, Valdomiro Holowka e Senhora, Maria Therésia Bützen, Família Hobi, Hans Hirzinger e Senhora, Sulamita Bonato, Maria da Luz Augusto, Família Klieman, Família Menezes, Família Bieberbach, Família Kröetz, Dr. Willy Young e Senhora, Frei Clemente Kesselmeier, Estanislau e Maria Zabczuk, Marciano e Helena Pastuch, Walter e Rosita Sass, Maria Helena Aben Atar, Miguel Farah, João Maria Olinger, Família Gaspari, Read Cury, Deahir Domingues, entre tantos outros.

Falece durante o sono, a 29 de julho de 1996, após ter passado dias felizes das férias, com as filhas, netos, bisnetos e genros.

Esposa, professora, mãe, avó, bisavó, pessoa de fibra, exemplo para seus familiares e alunos, Egídia ajudou a construir boa parte do caráter dos cidadãos das Gêmeas do Iguaçu. (Depoimento da filha Fahena Porto Horbatiuk, dia 6/08/2020).

Gemma Ballardini Benghi

29/09/1890

João Darcy Ruggeri

Natural da Itália, nascida em 29 de setembro de 1890, faleceu em 02 de abril de 1992. Foi casada com Raphael Benghi. Profissão: hoteleira, proprietária de hotéis como Luz e Internacional, situados na praça Hercílio Luz em Porto União/SC.

Teve os filhos: Alba Benghi, Hilário Benghi (bancário), Ernani Benghi (médico), Tancredo Benghi (Engenheiro Civil) e Iracema Benghi Ruggeri.

Helena Lima Klotz

13/04/1920

Fahena Porto Horbatiuk¹

Helena Lima Klotz, filha de pai nordestino, trovador e repentista, estudou no Grupo Escolar Prof. Serapião, em União da Vitória, e continuou seus estudos no Colégio Santos Anjos. Sempre foi muito afeiçãoada à leitura e aos poemas. Em 1936 casa-se com o militar Casemiro Klotz, e com ele viveu feliz por 54 anos. (Casemiro faleceu em 1990). Tiveram os filhos Maria da Glória e José Maurício, e os netos seus amados, Cláudio Júnior, Moira de Cássia, e Maurem Lúcia.

A poesia era para ela um “hobby”, porém, por conselho dos filhos e amigas, foi incentivada a publicá-los. Assim, em 1995, publica Solilóquios da Terceira Idade. Os poemas dessa obra foram escritos a partir de 1988, quando seu esposo ainda estava doente. E continuou escrevendo para afastar a solidão da viuvez. Seus poemas têm um tom subjetivo e romântico.

Foi professora em escola primária no interior, durante 15 anos e os outros 15, no Grupo Escolar Astolpho Macedo de Souza.

Com a fundação da Academia de Letras do Vale do Iguaçu, em 2000, passa a ocupar a cadeira n.º 27, cujo patrono é José Pacheco Cleto, ex-prefeito de União da Vitória, escritor e poeta, de quem ela e sua família foram amigos. Nas reuniões de Academia, costumava declamar seus versos, agradando a todos os confrades e congreiras, com aquele seu modo singelo e carinhoso de ser, quase sempre com um vestido florido, que lhe dava um ar de sonhadora. Tinha um gosto especial por acrósticos em seus poemas, e dedicou muitos deles a suas amigas especiais, e de longa data, ou a filhos e netos. A saudade também flui em seus poemas e se diz viciada em rimas.

Em 2001, publica Exultação e Longevidade. Poesias. É autora da letra do Hino do Núcleo Educacional Hermínio Milis, de Porto União.

Seus poemas exalam alegria e amor à vida, como podemos ler:

Viva a vida

Viva a vida que me mostrou o mundo
Recheado de belezas, entre luzes e sombras,
O raiar do dia, num espetáculo oriundo
Do nascer do sol. Dissipando a penumbra.

Viva a vida do ser humano inteligente,
Entre alegrias e tristezas, a discernir os momentos
De usufruir o efêmero, ser na dor paciente
E enfatizar a trégua, enriquecendo os sentimentos.

¹ Esta biografia foi redigida por Fahena Porto Horbatiuk, Congreira de Helena Klotz, na Alvi, dia 10/08/2020.

Viva a vida, pela auspiciosa oportunidade
Desta longa odisseia enriquecida de enredos,
Entre o bem e o mal saber dirimir a adversidade,

Chegar ileso ao pódio, sem culpa, sem medo,
Ao enfrentar confiante, a incógnita da verdade
E obter do Criador desse currículo, o tal segredo.

Hilda Tarlombani Wengerkiewicz

30/03/1914

Odilon Muncinelli

Nasceu no dia 30 de março de 1914, no bairro Santa Rosa, em União da Vitória, então, Paraná. Morreu no dia 05 de junho de 1997, em Porto União, sc. Líder social. Foi presidente da sociedade de amparo aos necessitados (san).

Irene Rucinski

26/10/1945

Odilon Muncinelli

Na tarde da quinta-feira, dia 18 de agosto de 2016, em Porto União, SC, morreu a professora e poetisa Irene Rucinski, aos 70 anos de idade. Irene Rucinski era nascida em Nova Galícia, Porto União, SC, no dia 26 de outubro de 1945. Era graduada em Letras, pela Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de União da Vitória, Paraná (hoje Universidade Estadual do Paraná).

Aos dezenove anos foi aprovada em um concurso de professora e se quisesse prosseguir seus estudos precisaria permanecer na cidade de seus pais, porém as vagas próximas já haviam sido escolhidas por outras candidatas. Foi aí que percebeu o erro mais importante da sua carreira de professora de português: havia uma vaga na cidade, ainda não escolhida, justamente por ter sido datilografada com um erro.

Foi assim que em 1965 a professora Irene iniciou seu trabalho de alfabetizadora de soldados oriundos das colônias de imigrantes da região de Porto União, na Escola Regimental do 5º Batalhão de Engenharia de Combate (hoje Blindado). Ela foi a primeira profissional com lotação efetiva na Escola Regimental, mediante concurso público. Seu pioneirismo foi documentado no livro "5º Batalhão de Engenharia de Combate Blindado Cem Anos de História", texto onde ficou registrado o desafio de tirar do analfabetismo adultos que haviam crescido na maioria das vezes se comunicando apenas nos idiomas das suas etnias familiares.

A luta da professora Irene para superar sua condição de moça simples do interior não significava negar suas origens: o material de pesquisa que permitiu as descobertas apresentadas na página "Família Rucinski no Brasil" é fruto de seu apaixonado trabalho de coleta de documentos e realização de entrevistas com as famílias de Nova Galícia. Era professora de Língua e Literatura Portuguesa e Brasileira; especialista em Português Vernáculo. Lecionou na Escola de Educação Básica Prof. Balduino Cardoso, na Escola de Educação Básica Cel. Cid Gonzaga e na Escola Regimental do 5º BEC Blindado.

Publicou o livro de poesias "Segredos" Colaborou na Coletânea "Prismas" e na Antologia Polono-Brasileira. Publicou o livro "Campanha do Contestado – No Portal do Paraíso" (2009). Publicou ainda artigos e poesias em várias revistas e jornais. Tinha a publicar o livro "No Limite da Esperança", sobre a história da imigração galiciana oriental na região do Contestado. Era membro da Academia de Letras do Vale do Iguaçu (ALVI), da Academia de Cultura de Curitiba (ACCur) e da Academia de Cultura Precursora da Expressão (ACUPRE).

Ivette Mazalli

16/02/1919

Leni Trentin Gaspari

Ivette Mazalli foi uma pessoa admirável tanto como pessoa quanto profissional. Mulher inteligente, estudiosa, dotada de invejável cultura e extremamente humanitária sempre preocupada em ajudar as pessoas da família, amigos e alunos. Nasceu em Curitiba, no dia 16 de fevereiro de 1919. Seus pais descendentes de italianos chamavam-se Adolpho Mazalli e Margarida Forville Mazalli. Muito jovem veio morar em Porto União, vivendo aqui por mais de 80 anos. Casou-se com Agnello Banach. Não teve filhos biológicos, mas teve filhos e netos do coração, que alegraram sua vida até a velhice. Foram seus raios de sol. Em 2007 foi a Ponta Grossa para participar dos festejos natalinos com seus familiares que lá residiam e infelizmente teve complicações de saúde, vindo a falecer.

Falar sobre a Prof.^a Ivette é deixar fluir a nossa emoção e os nossos sentimentos de carinho e saudades, pela mulher maravilhosa que ela foi e, como um preito de reconhecimento a essa representante ilustre das mulheres das Gêmeas do Iguaçu, seu nome inserido no Memorial da Mulher a imortalizará na história da Educação das cidades de Porto União e União da Vitória.

Estudou no Colégio Santos Anjos onde se formou professora e nesse educandário lecionou por oito anos. De aluna exemplar passou a professora competente, respeitada e amada. Prof.^a Ivette via a educação tradicional como rígida, mas, detentora dos valores morais, os quais na sua opinião, defendiam a obediência aos pais, professores e à Igreja. Em entrevista que me concedeu em 2003 afirmou: “Sou favorável a uma educação baseada no respeito a valores. Entendo que os jovens vivem num outro e novo tempo, devem ter liberdade, mas com limites e de acordo com a idade”.

Iniciou o exercício do magistério no Estado do Paraná em 1950. Lecionou em Paula Freitas, no Grupo Prof. Serapião, no Colégio Túlio de França e na Escola Normal Prof.^a Amasília.

A busca pelo saber era a o seu maior desejo, e como lecionava na Escola Normal havia uma certa pressão para que os professores fizessem o Curso de Pedagogia. Assim, ingressou em um Curso Universitário, para enfrentar novos desafios. Concluiu o ensino superior em Pedagogia, na Universidade Federal do Paraná, em 1956.



Formatura Ensino Superior
Acervo da família

No ano 1960, a dedicada mestra inicia sua trajetória profissional no Ensino Superior com professora fundadora da FAFIUUV (hoje UNESPAR) e, como grande estudiosa que era participou de vários Congressos do Ensino Superior, com objetivo de ampliar seus conhecimentos e trazer para a Instituição ações inovadoras. Uma pequena grande mulher. Foi a primeira mulher diretora na Fafiuv nos anos 1974 e 1975 e depois no período 1977 a 1979. Gestora competente, que sempre soube dirigir essa casa de ensino com equilíbrio e segurança.

Aposentou-se, deixando uma lacuna na Faculdade que ela tanto amou e levou para sua vida muitas saudades, palavras dela: “[...] o período que trabalhei na Fafi foi o período mais feliz da minha vida profissional e pessoal. Não mudaria nada.” Seus exemplos de solidariedade honestidade e justiça foram virtudes que os dirigentes, professores e funcionários da Instituição procuraram cultivar criando, em sua homenagem, em 1985 o *Centro de Estudos de Educação Ivette Mazalli*.

Muitas outras homenagens nossa querida professora recebeu. Reconhecimento e gratidão também, do Conselho da Mulher Executiva de União da Vitória, ao lhe conferir o Troféu Mulher. Foi a primeira mulher da cidade a receber esse troféu. A Academia de Letras Vale do Iguaçu – ALVI - prestou-lhe uma carinhosa homenagem em 12 de agosto de 2006, quando a professora recebeu do presidente da ALVI a Comenda Pinhão do Vale, a qual é conferida a pessoas da comunidade que se destacam na educação, arte e cultura.



Prof. Raulino Bortolini-Presidente da Alvi e Prof, Eloy Tonon
Entrega da “Comenda Pinhão do Vale – ALVI- Acervo pessoal

E as homenagens continuaram...

Em 2005, nos 45 anos da FAFIUUV, ocasião em que foram prestadas homenagens a todos os fundadores da Faculdade, lá estava nossa mestra emocionada e feliz e nós muito orgulhosos por termos tido uma mulher tão competente e ilustre, que com trabalho árduo e dedicação, abriu caminhos para que a Instituição pudesse alçar voos e ocupar no Estado do Paraná um lugar de destaque.



Homenagem dos 45 anos da FAFIUV
Leni Trentin Gaspari - Vice-Diretora (2005) - Acervo pessoal

Culta, inteligente e dinâmica, aos oitenta e oito anos de existência ainda cursava um curso de Língua Espanhola. Intelectual apaixonada pela leitura, pelos estudos e sempre ávida por novos conhecimentos procurava estar sempre informada dos saberes deste novo tempo que também era seu, dado a suas características de mulher intelectual. Ao realizar minha pesquisa sobre as “Mulheres nas Gêmeas do Iguaçu nos anos 40 e 50”, tive a honra de tê-la como minha entrevistada (em 2003) e sua contribuição foi imensa para a construção do meu trabalho. Ao lhe pedir que deixasse algumas palavras para as mulheres que hoje conquistam seu espaço enquanto profissionais, ela falou o seguinte:

Façam tudo para realizarem-se completamente no amor e na profissão que escolheram. Tenham alguém para amar e serem amadas e assim dar maior sentido a sua vida. Lembrem que a realização profissional é importante, mas não se esqueçam de estabelecer um equilíbrio entre o trabalho e o afeto ao seu companheiro e a sua família. Procurem partilhar juntos a vida presente para no futuro não se tornarem dois velhos estranhos sentados sobre bens que construíram. Vivam o presente! (Mazalli, 2003)

Prof^a Ivette Mazalli, mestra querida e amiga, cuja lembrança estará sempre presente no coração de todos aqueles que tiveram o privilégio de tê-la como professora. Com sabedoria ministrava seus conhecimentos, e como grande educadora que foi nos ensinava a olhar nossos aprendizes, dentro de uma perspectiva humanística, com sensibilidade para perceber que a educação deve tornar o homem melhor. (Entrevista com a Professora Ivette Mazalli em 2003. Porto União SC)

Juvelina de Jesus Venâncio

12/08/1912

Therezinha Leony Wolff²

São muitas as mulheres desta terra que, exemplos de fé em suas realizações caminharam, acreditaram e conquistaram o espaço ao qual têm direito na sociedade. Entre tantas, as que descobriram no trabalho simples e rude, longe da competitividade mas exigindo profissionalização. Deus permite-lhes a força para realizarem-se no que escolhem para gostar mais da vida.

Juvelina de Jesus Venâncio, a dona Jesus, como ficou conhecida em Porto União e União da Vitória, nasceu em 12 de agosto de 1912, em União da Vitória quando uma só cidade.

Casou-se aos 14 anos de idade com Sebastião Venâncio e tiveram 14 filhos, dos quais somente vivem, João Maria Venâncio e Dirceu Venâncio .

Dos 14 filhos tiveram 43 netos, dos quais 30 ainda entre nós: Zirlei e Zulmara Venâncio, Luiz Antônio, Cláudia Maria, Claudinei, Jucinei, Dinalva, João Maria Venâncio Júnior, Juliana Cristina Venâncio Di Domenico, Fabiola Aparecida Venâncio, Sebastião Venâncio Neto, Fábio Gregório Venâncio, Andersom Venâncio, Edenilson Venâncio de Paula, Andreia Venâncio, Dirceu Venâncio Junior, Alzira e Arlete Correa, Ezoel, Eloir, Eledir, Edenir e Jurandir Padilha Junior, Rosenei Padilha, Jair e Jaumei Padilha, João Carlos, Celia Regina, Sônia e Antônio Marcos Ferreira. Dos netos nasceram 50 bisnetos e deste 6 tataranetos.

Morando no bairro São Pedro, desde que era Tocos, sempre lavou, engomou e passou roupas para instituições e famílias. Na época, a única forma de lavar roupas era em tanques, cochos como diziam. Eram quatro tanques: para lavar, bater, enxaguar e passar na água anilada quando roupas brancas. Exigente num trabalho extenuante e pouco compensador financeiramente, dona Jesus, bondosa, com um sorriso, fala e gestos calmos, foi sempre uma mulher respeitada e estimada profissional.

Tinha orgulho de dizer que era lavadeira das famílias de pessoas importantes: doutor Lauro Müller Soares, doutor Alvir Riesemberg, professor Mário Riesemberg entre outras. Do 5º Batalhão de Engenharia de Combate Blindado, inúmeras as vezes que chegaram e saíram caminhões carregados com trouxas das roupas daquela Instituição. Tanto seu trabalho foi reconhecido que, numa homenagem à mulher, realizada no Cine Teatro Luz, recebeu troféu pelo Conselho da Mulher Executiva de União da Vitória e flores pelo comandante do 5º BEC.

Como dito no início, trabalhos há que realizados de forma simples exigem perseverança, atenção e competência. O de dona Jesus apresentava essas qualidades.

Quase centenária sua persistência demonstrava até quando dispensando o carro dos filhos, seguia a pé para o banco, buscar o salário mínimo ao qual tinha direito como viúva do senhor Sebastião. Seu trabalho como lavadeira ajudou a sustentar e educar os filhos, dando-lhe a certeza de ter feito amizades sinceras e imorredouras.

Juvelina de Jesus Venâncio, dona Jesus, faleceu em Porto União em 26 de dezembro de 2009.

² Pesquisa de Therezinha Leony Wolff - Cadeira nº20 Patrono Yvonich Furlani

Sócia Fundadora da Alvi, da Academia de Cultura Precursora da Expressão e membro da Academia de Cultura de Curitiba

Josefina Ayub Swierk

24/02/1927

Aluizio Witiuk

Josefina Ayub nasceu em 24 de fevereiro de 1927, na cidade de Rebouças-PR, filha de Barquet Ayub (Libanês) e Esther Sarraff Ayub (descendente de Libanês e Colombiana). Ficou órfã de mãe aos 8 (oito) anos de idade, eram em 5 (cinco) filhos, sendo Josefina a filha mais velha. Devido ao falecimento de sua mãe, as 04 (quatro) irmãs, Josefina, Olga, Matilde e Rosa, foram morar em um convento de freiras em Curitiba-PR, e o irmãozinho caçula, Jorge, único menino, ficou morando com o pai em Rebouças.

Josefina morou no convento de freiras por 10 (dez) anos, nesse convento aprendeu várias disciplinas, atividades e aprendizados que levou para a vida toda, também se formando Enfermeira. Quando, então, aos 18 (dezoito) anos de idade retornou à sua cidade natal de Rebouças-PR, sendo que lá, auxiliava em operações com o único médico da cidade, também atendendo de casa em casa, aplicando injeções de penicilina, que conforme o paciente teria que ser aplicado de hora em hora, por conta de uma peste que se deu na época.

Conheceu seu futuro marido, aos 22 (vinte e dois) anos de idade, casando-se aos 23 anos com Boleslau Swierk, que era natural da cidade de Porto União-SC, casaram-se em janeiro de 1950, passando a assinar Josefina Ayub Swierk, tiveram quatro filhos, sendo um de criação, tamanha bondade e grandeza de seu coração, em meio a tantas ocupações e atividades que faziam parte de sua rotina.

Morou na cidade de Rebouças-PR até 1952, após indo com seu marido morar no interior de Porto União-SC, na região da Nova Galícia, mais precisamente, na Fazenda Santa Maria.

Nessa fazenda, que em 1952 quando lá chegou, era como um sertão, picadas foram abertas para poderem passar com as carroças com sua mudança. Nesse lugar, viviam caboclos e índios, povo nativo, que não eram batizados, alfabetizados e nem abençoados pelo matrimônio. Josefina, vendo toda esta situação do povo e desse lugar tão abandonado de tradições, comovida e compadecida, resolveu junto com o seu marido Boleslau, o qual era herdeiro de muitas terras onde moravam, ceder um lugar na fazenda para ser construída uma escola, para onde veio uma professora do Estado de Santa Catarina, a Sra. Anísia Rocinski, que começou a lecionar para mais ou menos umas 60 (sessenta) crianças na época, todas estavam analfabetas e todas foram alfabetizadas.

Josefina como Enfermeira que era, ajudava nos partos, fazia curativos e atendia a população da região, dando injeções quando assim se fazia necessário, cuidava com muito zelo e dedicação, não medindo esforços para com todos. Essa mesma escola posteriormente, foi usada como Igreja, onde começou a frequentar um padre para realizar batizados e casamentos, sendo por vezes escola, por vezes Igreja. Por Josefina levar para a região tantas conquistas, quase todos os moradores da região, como forma de gratidão, queriam-na como madrinha, tanto dos casamentos como das crianças que nasciam.

Josefina criava algumas vacas de leite, porcos e galinhas na fazenda, e sempre muito caridosa, dava leite para as crianças pequenas e de colo, pois às vezes suas mães

não tinham leite suficiente para amamentá-las, e devido à grande escassez e pobreza do povo da região, também dava comidas e remédios, sempre que necessário.

Josefina era uma mulher inteligente, gostava muito da boa leitura, líder comunitária em sua região, por natureza muito dinâmica e atuante, em uma época em que as mulheres não tinham muito espaço em uma sociedade tão machista, mas não se deixava intimidar e nem se abater, recebia em sua residência na fazenda, várias celebridades políticas, como prefeitos, vereadores e deputados, até mesmo a Sra. Aldair Muncinelli, muitas e muitas vezes, que viam ali, uma oportunidade para fazerem suas campanhas políticas, dando-lhes hospedagem e refeições. De descendência sírio-libanesa, tinha suas habilidades culinárias que a todos conquistava, fazendo com que muitas vezes voltassem apenas com o intuito de passearem na região e novamente degustarem suas deliciosas refeições. Também recebia e hospedava padres e freiras, que além de rezarem as missas, também ensinavam catequese às crianças.

Os Natais... Ah...!!! Esse era um grande acontecimento na região, e muito especial para Josefina e para todos que moravam na Fazenda Santa Maria e moradores de seus arredores. Josefina se esmerava em ela mesma confeccionar bolachas, tortas, cucas e alimentos para a ceia de todos na noite de Natal, também fazia cerveja caseira e providenciava presentes para todos, não faltando presente para ninguém, crianças e adultos ficavam ansiosos na espera de seu presente na noite de Natal.

Ela ia para a cidade de caminhão comprar os presentes, que muito dedicada, Josefina se encarregava de colocar um a um os nomes nos pacotes de presentes, brinquedos para as crianças e roupas para os adultos. O caminhão com os presentes ficava cheio e escondido, quando na noite de Natal o traziam recheado de presentes para serem distribuídos, e como não poderia deixar de faltar, o bom e amado velhinho Papai Noel em cima, para fazer a distribuição dos presentes, não só para as crianças e adultos que moravam na região, como também para os parentes da cidade que iam todos os anos, passar aqueles Natais maravilhosos e inesquecíveis na casa da tia Fina, como era assim carinhosamente chamada pelos seus parentes, primos, sobrinhos, irmãs, tios e tias, assim como todos os empregados da serraria da fazenda. O maior prazer, alegria e satisfação de Josefina era ver o brilho nos olhinhos daquelas crianças e de todos que participavam desse momento único e tão feliz.

Josefina fez a alegria e o bem para um povo tão carente de educação, religiosidade e tradições por 37 (trinta e sete) anos, que ali viviam à mercê do abandono e sofrimento, devido a grande distância da cidade e dificuldades de transportes da época, por estarem longe da civilização. Quando por motivos de saúde de seu marido, no ano de 1989, venderam a fazenda, vindo morar no bairro São Pedro em Porto União-SC.

Josefina foi uma mulher guerreira, lutadora e esforçada, em uma época em que tudo era muito difícil. Faleceu aos 83 (oitenta e três) anos de idade, no dia 07 de julho de 2010, deixando um grande legado, doces lembranças, ensinamentos, e muitas... muitas...saudades!!!!

Lili Matzembacher

01/09/1936

Odilon Muncinelli

No começo da tarde da quinta-feira, dia 04 de agosto de 2016, em Porto União, Santa Catarina, morreu a professora e pesquisadora Lili Matzembacher, aos 79 anos de idade. Lili Matzembacher era nascida em Porto União, Santa Catarina, no dia 1.º de setembro de 1936, filha de Lina e Alfredo Matzembacher. Era formada em História, pela Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de União da Vitória, Paraná, (atualmente Universidade Estadual do Paraná), onde foi professora e coordenadora durante muitos anos.

Era especializada em Psicodrama Pedagógico. Realizou e publicou uma pesquisa sobre os arquivos da Paróquia do Sagrado Coração de Jesus, de União da Vitória, sob o título “Um Pouco de História”, que foi publicado pelo Boletim da Universidade Federal do Paraná, sob o título “Arquivos Paranaenses”. Publicou, ainda, a pesquisa “Monumentos e Marcos Históricos de União da Vitória”, pela Coleção “Vale do Iguaçu”, n. 40.

Em 1960 foi nomeada para o cargo de direção do Serviço Nacional da Indústria (SESI), como encarregada, depois como agente e posteriormente como coordenadora durante 25 anos, aposentando-se em 1990. Em 1983 fez parte da Comissão Central da Defesa Civil por ocasião da grande enchente juntamente com toda a equipe do Sesi dando assistência aos flagelados.

Além disso, em 1985, elaborou a monografia sobre Psicodrama Pedagógico, sob o título “Um Convite ao Encontro”. Foi Coordenadora da Associação da Faculdade da Terceira Idade. Ocupou a cadeira n.º. 33 da Academia de Letras do Vale do Iguaçu (ALVI), cuja patrona é a Professora Amazília.

Maria Belizária da Luz

07/10/1918

Odilon Muncinelli

Nasceu no dia 07 de outubro de 1918 em Porto União, Sc. Morreu no dia 01 de janeiro de 1979. Foi professora e diretora de escola.

Maria Carrer Savi

16/09/1865

Leni Trentin Gaspari

Só foi possível escrever sobre a parteira Maria Carrer Savi, pelo apoio recebido do seu neto. Sr. Roosevelt Savi, tendo em vista data da chegada dela em Porto União e ausência de documentos da época. Reavivando suas memórias ele me contou as histórias dela. Maria era natural do *Reino da Itália*, nasceu em 13 de setembro de 1865, filha de Luiz Carrer e Catharina Carrer. Anos mais tarde sua família, como tantas outras, deixa a Itália rumo ao Brasil à procura de uma vida melhor. No mesmo navio viajava a família de Luis Savi e Catharina Savi, também italianos, que tinham um filho chamado João. Ao chegarem em Curitiba, João e Maria se casaram. Chegaram em Porto União da Vitória no ano de 1886 e tiveram oito filhos homens.

Maria enfrentou, além dos seus afazeres familiares, que não eram poucos com família numerosa, e as dificuldades da época, em que não existiam instrumentos que facilitassem a vida da mulher. Não tinha água encanada e as roupas eram lavadas e esfregadas a mão, engomadas e passadas a ferro a brasa. Os alimentos eram produzidos em casa, como o pão, a macarronada, a lasanha, a polenta entre outros. A carne de galinha era de criação própria e eram cozidas no fogão feito com tijolos, a lenha e os pães assados no forno a lenha com muito trabalho.

Maria ou Dona Venezia: a parteira

Mesmo com tantos afazeres Maria achou tempo para ajudar as mulheres da pequena cidade a terem seus bebês com os cuidados necessários. Tornou-se conhecida como Dona Venezia, por ter nascido em Veneza – Itália, era muito procurada na região pela suas habilidades no “ato de partejar.” Essas lembranças do Sr. Roosevelt Savi, fazem parte das histórias contadas por seus pais e outros familiares. Narra que sua “nona” sempre que era chamada se deslocava para atender as parturientes utilizando-se de cavalo, carroça e mais tarde de uma charrete “melhorada”, chamada *Aranha*, e provavelmente com a chegada dos carros na cidade, após 1917, utilizou-se deles também.

Sem cobrar pelos seus serviços, Dona Venezia era gratificada pelas famílias com galinha ou porco ou outros produtos da produção familiar, pois o dinheiro era escasso na época. Além desses presentes ganhou muitos afilhados e ao retornar a sua casa já deixava os bebês batizados. Esse ato era comum nas localidades interioranas; as famílias uniam-se pelos laços de compadrio, por sentimentos de gratidão, amizade e solidariedade e eram amigadas que persistiam pela vida toda.

Por um certo período Sr. João e Sra. Maria foram residir em Matos Costa, num local chamado Rio Preto, por conta de um trabalho para ele no setor de construções. Ela nessa localidade também atendeu várias parturientes. Retornaram a Porto União e por longos anos continuou em sua profissão, aparando bebês e ajudando as mulheres das duas cidades que tinham nela apoio e dedicação no momento de dar à luz aos seus pequenos. Cleto da Silva menciona em sua obra *Apontamentos históricos de União da Vitória*, que existiam duas parteiras em União da Vitória no ano 1933. Acredito que uma delas era a parteira Maria Carrer Savi.

As lembranças fluem olhando a foto da nona com os netos e nosso depoente transforma sua emoção e saudades em palavras: “___ A Nona era muito amorosa com os netos mas também enérgica quando necessário [...] quando os adultos conversavam as crianças saíam de perto nem precisava mandar.” O narrador continua falando sobre sua nona: “___ Era uma mulher sábia [...] estimulava os netos a irem à missa dando uma moeda para cada um [...] a princípio iam pelo dinheirinho depois iam pelo sentimento religioso que se formou”.



Maria Carrer Savi e seus netos: Rubens Savi, Orlando Savi e Roselda Savi

Nossa parteira italiana faleceu em 1949, em Porto União, deixando sua bela e grande família com muitas saudades... muitas histórias e muitas lembranças

Maria Groth

26/06/1864

Therezinha Leony Wolff



Maria Groth, primeira mulher a exercer função pública, como Agente do Departamento dos Correios e Telégrafos, em Porto União da Vitória e sua filha Guilhermina Anna Groth.

Nascida na Alemanha em 21 de junho de 1864, filha de João Diener e Bárbara Diener, casada com Carl Theodor Groth conhecido no Brasil como Carlos Groth, filho de Joaquim Christian e Guilhermina Groth naturais da Alemanha.

Passou a juventude no período do Segundo Reinado, época em que mulheres não tinham participação na sociedade. Apesar disso, conforme expõe José Cleto em Apontamentos Históricos de União da Vitória, Maria Groth foi nomeada como Agente dos Correios em 1884.

Entretanto, sua nomeação oficial aconteceu em 10 de dezembro de 1900, segundo dados do Correio.

Assim é considerada a primeira mulher a exercer função pública, como Agente do Departamento dos Correios e Telégrafos, em Porto União da Vitória.

Embora trabalhando fora do lar, tinha, de acordo com familiares, presença ativa na comunidade religiosa com ações filantrópicas.

O casal Maria e Carlos Groth foram proprietários do primitivo hotel, situado na rua Coronel Amazonas, onde ambos trabalhavam recebendo viajantes e autoridades, que faziam a passagem pelo vau do Iguaçu. Foi a primeira hospedaria da cidade.

Proprietários da primeira fábrica de cerveja, situada na frente do hotel, também de uma olaria, padaria, marcenaria e alguns outros empreendimentos em União da Vitória.

Descendente e herdeira do casal a única filha, Guilhermina Anna Groth, casou com José Alfredo Schmal, conhecido como Juca. Pessoa que era alfaiate e, nos últimos anos de vida, dedicou-se a transportar passageiros e cargas pelo Iguaçu através da balsa ali existente.

O casal Guilhermina e José tiveram 5 filhos: Nathércia Ímpera Schmal, casada com Alfredo Schwartz, pais de Altair, Nívea e Germano Schwartz; Levi Nataniel Schmal; Maria da Luz Schmal; Eglé Madalena Schmal, casada com Arício Guérios, pais de Roseli, Amauri, Rose Mari, Rosicler e José Alfredo Guérios; Daisy Isolina Schmal, casada com Orlando Conrado Mansani, pais de Celso Gustavo e Sheila Maria Mansani. Bisnetos ainda estão presentes e atuando na sociedade destas cidades.

Temos em Maria Groth, um exemplo de empoderamento feminino, numa época na qual se esperava que as mulheres fossem apenas boas esposas, mães e donas de casa.

Agencia de *União da Vitória*

| | | | MUNICIPIO | |
|--------------------------|-------------------------------------|-------------------------------|--|------------------------|
| Data da criação | Classe | Categoria da localidade | <i>Palmas</i> <i>Instalada em 23 de Jan</i> | |
| <i>11 de Dez de 1889</i> | <i>4.</i> | <i>Villa</i> | | |
| Emprego | Nome do empregado | Data da nomeação | Data da exoneração | Observação |
| <i>Agente</i> | <i>Virgilio José Coucin</i> | <i>2 de Abril de 1896</i> | <i>14 Janeiro de 1900</i> | <i>Centro L. p. 7.</i> |
| " | <i>João Pereira Jones</i> | <i>14 Janeiro de 1900</i> | <i>19 de Novembro 1900</i> | <i>1. 11.</i> |
| " | <i>Abandio Gonçalves de Fribade</i> | <i>12 de Novembro 1900</i> | <i>19 de Dezembro 1900</i> | <i>1. 39.</i> |
| " | <i>Maria Groth</i> | <i>10 de Dezembro de 1900</i> | <i>22 de Julho 1904</i> | <i>1. 11.</i> |
| " | <i>Neolina Weiro de Boqueira</i> | <i>22 de Julho de 1904</i> | <i>21 de Novembro de 1908</i> | |
| " | <i>Ernst Niet Bittensmeit</i> | <i>21 de Novembro 1908</i> | <i>27 de Abril de 1910</i> | |
| " | <i>Clarimundo Ribas Passar</i> | <i>27 de Abril de 1910</i> | <i>27 de Maio de 1911</i> | |
| <i>Substituto</i> | <i>Ernestina de Strang, Hojers</i> | <i>27 de Maio de 1911</i> | | |

Registro funcional de Maria Groth como Agente do Departamento dos Correios e Telégrafos, em Porto União da Vitória

Maria Tereza Bieberbach

19/04/1915

Margareth Rose Ribas

É natural de Santa Maria de Herval/SC, nasceu em 19 de abril de 1915 e faleceu em 21 de fevereiro de 2009 em União da Vitória/PR. Casou-se com Ernesto Bieberbach, que tocava vários instrumentos e a música sempre esteve presente na vida da família.

Foi professora e posteriormente diretora da primeira escola de música de União da Vitória, Instituto de Música Raul Mensing. Após o encerramento desta escola, em 1979 a dona Tereza fundou a Escola de Música Maria Tereza, nome escolhido pelas mães dos alunos, visto que já possuíam grande admiração pela professora de seus filhos.

Essa escola permaneceu com suas atividades até 2004, apresentando audições musicais anualmente e sendo grande formadora de cultura musical nas Cidades Gêmeas.



Neli de Oliveira Melo Sicuro

21/04/1932

*Ladi Tamara Benda Loiacono*³

Neli de Oliveira Melo Sicuro nasceu em Xanxerê, Santa Catarina, no dia 21 de abril de 1932. Graduada em Pedagogia, na Pontifícia Universidade Católica de Curitiba, Paraná (PUC/PR) e pós-graduada em Orientação Educacional na mesma universidade. Pós-graduada em Metodologia do Ensino Superior, na Universidade Estadual de Ponta Grossa, Paraná. Iniciou suas atividades docentes em Goiás, no Instituto Samuel Graham.

Foi professora na Escola Normal em São José dos Pinhais, Paraná e na Escola Normal Professora Amazília, em União da Vitória, Orientadora na Escola Normal Professora Amazília e no Colégio Estadual Túlio de França, em União da Vitória. Professora Titular na Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de União da Vitória (FAFI), hoje, Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), nas cadeiras de Orientação Educacional, Psicologia e Sociologia Educacional.

Membro da Associação Paranaense de Orientadores Educacionais (APOE). Professora de Ikebana, pela Academia Sanguetsu, da Fundação Mokiti Okada de São Paulo, São Paulo. Coordenadora da Faculdade Aberta à Terceira Idade (FATI), União da Vitória, Paraná. Membro fundadora da Academia de Letras do Vale do Iguaçu (ALVI), de União da Vitória, ocupante da Cadeira n.º 11. Obras publicadas: A Evasão Escolar na Região do Médio Iguaçu (1984); O Homem de Esperança: Brasil Ano 2000; O Precioso Tempo da Velhice (1990); À Sombra dos Pinheirais (2001); Flutuando Entre as Nuvens (2004); Os Dois Pinhões (2009); O Gritadô e Outros Contos (2010); Um Cavalo no Sótão (2010). Faleceu em Pôrto União, Santa Catarina, no dia 25 de janeiro de 2010.

³ Membro Fundadora da Academia de Letras do Vale do Iguaçu de União da Vitória (ALVI). Ocupante da Cadeira n.º 23.

Olga Ana Olienick

03/04/1925

*A mestra da costura
se tornaria professora de letras.
Olga Olienick*

*Eduardo Gregório Olienick⁴
Glair Teixeira⁵
Jóia de Cássia Olienick⁶
Maris Stela da Luz Stelmachuk⁷*

Este texto baseou-se em lembranças e relatos de família, bem como em documentos. Olga nasceu em 03 de abril de 1925, em União da Vitória, Estado do Paraná, filha de João Olienick, descendente de austríacos e de Ana Olienick, de origem finlandesa. O pai, João, nascido em 1888, chegou ao Brasil aos 7 anos de idade. A mãe Ana, nascida em 1887 no Grão Ducado da Finlândia (1809-1917) sob o domínio do Império Russo. Vindos para o Brasil em 1910, com 23 anos portanto, aprendeu a falar o português, mas somente soube ler e escrever quando seus filhos foram para escola e ela, a partir de então, os acompanhava em suas tarefas escolares escrevendo no cimento pintado de vermelho que sustentava seu fogão a lenha.

Olga foi a penúltima filha da família de 8 irmãos, Eduardo Gregório, Max, Conrado, falecido aos 14 anos de idade, Wanda, Cecília Albertina, Sofia Helena, Olga Ana e Getúlio Martim.

Na família, Olga representou um elo entre seus familiares. Não foi casada e não teve filhos, viveu com seus pais até a morte destes. Contudo, sua casa nunca esteve vazia. Não gostava da solidão, seu maior prazer se constituía em reunir os irmãos, sobrinhos e cunhados, especialmente se isso acontecia durante um farto almoço em sua casa. Era aquela tia que mimava os sobrinhos com carinho e muitos presentes, mas também, era bastante exigente quando se tratava de boa conduta e obediência. Para as crianças, seus armários representavam verdadeiros tesouros, pois eram recheados de guloseimas distribuídas com benevolência a qualquer hora do dia (para desespero das mães, que preocupadas com o cardápio dos pequenos, chamavam aquelas delícias de “porcaria”).

Outro grande prazer eram suas viagens, que foram inúmeras, pelo Brasil e exterior. Seu regresso era aguardado com grande ansiedade, pois sabia-se que a distribuição de presentes seria generosa. Muitas vezes, durante dias sua bagagem ficava exposta na mesa de jantar esperando que todos viessem receber sua “lembrança”.

⁴ Sobrinho da homenageada.

⁵ Sobrinha da homenageada.

⁶ Sobrinha da homenageada.

⁷ Acadêmica ocupante da Cadeira 16 da Academia de Letras do Vale do Iguaçu (ALVI) e organizadora do texto biográfico concedido pelos familiares da homenageada.

Olga esteve sempre ao lado de seus familiares e amigos, prezava muito a união e a lealdade e assim será sempre lembrada...uma pessoa alegre, otimista, de muita fé, solidária e muito carismática.

Com 4 anos, Olga iniciou sua vida escolar no Jardim da Infância do Grupo Escolar Prof. Serapião, concluído em 1938. Com 13 anos terminou a Escola Complementar (5ª série), no mesmo estabelecimento. Dessa fase de sua trajetória, lembrava-se das professoras Zoraide Burmester e Clementina Lona. Terminado o curso Complementar, dedicou-se ao aprendizado de trabalhos manuais, de que gostava muito. Tinha um dom excepcional para o desenho. Aprendeu a bordar à máquina e fez um curso de corte e costura com a Srª Nagibe Guérios e mais tarde com a Srª Adelaide Barbosa. Tendo gostado da costura, fez dessa atividade sua profissão e sua arte, pois tornou-se exímia costureira. Suas criações passaram a ser consideradas peças de “alta costura” pela sociedade local e sendo assim, era muito procurada para a confecção de vestidos de festa e vestidos de noiva. Trabalhou como costureira e professora de costura até os 25 anos, quando passou a ter problemas de visão e após fazer um tratamento sem sucesso foi aconselhada por seu médico a mudar de profissão. Segundo suas próprias palavras decidiu, após breve descanso que: **“a mestra da costura se tornaria professora de letras”**.

Continuar seus estudos já era um sonho que agora se tornaria realidade. Só então, fez o curso ginásial, concluído quando tinha 28 anos, começando aí uma nova história. Como professora descobriu sua maior vocação, pois via em seus alunos a figura de um filho e como tal não se contentava em ensinar-lhes apenas o conteúdo didático, mas também se preocupava em transmitir-lhes valores éticos, de conduta e tudo que julgava importante para que se tornassem homens e mulheres bem sucedidos no mais amplo significado dessa palavra.

Sua dedicação era reconhecida pelos alunos que lhe prestavam muitas homenagens carinhosas, como a confecção de tapetes de flores para a sua entrada na sala de aula no dia de seu aniversário. Mesmo aposentada continuou contribuindo para o ensino. Abriu a sua casa para moças que moravam no interior e que tinham interesse em estudar na cidade, sem ter condições de pagar um alto aluguel ou pela preocupação dos pais em deixarem suas filhas morando sozinhas. Por vezes eram duas ou três moças morando em sua casa e como maior recompensa considerava a alegria da juventude continuando presente em seus dias.

Esta forma de ajudar estudantes das cidades e colônias do interior levaram Olga a construir nos fundos da sua, uma casa somente para esse fim. Como *hobby*, Olga tocava acordeon e declamava poesias em sua casa quando recebia visitas.

A formação acadêmica de Olga passou por esta trajetória: Ensino Primário: Grupo Escolar Professor Serapião, concluído em 1938. Ginásial no Colégio Estadual Túlio de França, concluído em 1953. Continuou seus estudos na Escola Normal Professora Amazília, tendo sua conclusão em 1956 e Ensino Superior: Faculdade Estadual de Filosofia Ciências e Letras de União da Vitória, tendo cursado Licenciatura em Pedagogia, com término em 1965, sendo esta a primeira turma dessa faculdade.

Mas Olga nunca parou de enriquecer seu currículo. Ela participou do 1º Seminário de Inspectores do Ensino Primário, em 1965, na cidade de Curitiba - PR; 1º Congresso Brasileiro de Ensino Normal, em 1966, no Rio de Janeiro, Estado da Guanabara; 2º Congresso Brasileiro de Ensino Normal, em 1968 em Belo Horizonte, Minas Gerais, Curso de Orientadora Educacional (1974/1975) para atuação no PREMEN – Programa de Expansão e Melhoria do Ensino, além de vários cursos de

aperfeiçoamento, abrangendo conhecimento em Matemática, Administração Pública, Psicologia, entre outros.

Como profissional, Olga atuou na Escola de Aplicação José de Anchieta a partir de 1955. Lecionou também na Escola Normal Professora Amazília, Escola Dr. Lauro Muller Soares, de 1975 a 1980. Trabalhou também no Educandário Santa Terezinha, na cidade de Rio Azul, Estado do Paraná, além de atuação na Secretaria Estadual de Educação, como Inspetora de Ensino Primário.

Olga Olienick se aposentou em 1980 e teve seu falecimento em 06 de fevereiro de 1995, deixando ensinamentos e lembranças nas pessoas que acolheu em sua casa e que ajudou a estudar, nos familiares que sempre recebeu e na sociedade que ajudou a escolarizar.

Ondina Silva Chinkevicz

15/03/1923

*Maris Stela da Luz Stelmachuk*⁸

Filha de Maria da Luz Silva e Domingos Silva, Ondina nasceu em 15 de março de 1923, em União da Vitória. Ondina é caçula entre nove irmãos, cujos nomes e ordem de nascimento são: Sampaio, Francisco, Emiliano, Maria Luíza, Terêncio, Aurora, Olívia, João Maria e Ondina.

Casou-se com o Sr. Conrado Chinkevicz, com quem teve 5 filhos. O mais velho, Antônio, nasceu em 31 de outubro de 1848 e é comerciante. Edson, o segundo filho, nasceu em 1950 e faleceu em 1973. Em seguida vem Paulo Roberto, nascido em 14 de agosto de 1951, técnico em Contabilidade, e foi quem me concedeu entrevista para compor este breve memorial. Luiz, o quarto filho, nasceu em 15 de abril de 1955. O caçula foi José Valter, que viveu apenas seis meses, tendo contraído meningite, doença à qual não resistiu.

Estudou no Colégio Santos Anjos, em Porto União, onde formou-se na Escola Normal que capacitava para o magistério. Em 1938 começou a lecionar na cidade de Videira, em Santa Catarina, onde trabalhou por dois anos, quando ainda era solteira. Nesta cidade, foi professora de Gerda Frey, que vinha de uma aldeia vizinha desta cidade. Gerda era filha do senhor Frey, imigrante alemão que, junto com seu irmão, criou a referida aldeia, colocando ali seu nome, conhecida atualmente como a cidade de Fraiburgo. A família Frey é considerada pela história como desbravadora de Fraiburgo, e o nome da cidade significa Vila dos Frey.

Em Porto União, Ondina lecionou na Escola Balduino Cardoso, onde começou a trabalhar no ano de 1940. Aposentou-se nessa escola, em 1965 e, na ocasião, recebeu um quadro de distinção, uma menção honrosa pelos serviços prestados nos 25 anos de trabalho nesta escola. Ela guardava com carinho esse quadro em sua casa, mas ele foi perdido, entre muitos outros pertences, no ano de 1983, quando uma enorme enchente assolou a cidade, tendo invadido a casa onde ela e sua família moravam.

Como mãe foi tranquila, mas tinha uma varinha de pessegueiro, que nunca usou. O filho a define como “baita de uma mãe!” e lembra que ela plantava rosas em seu jardim.

Na escola Balduino Cardoso, as próprias professoras e funcionárias cuidavam do pátio, na hora do recreio dos alunos e havia uma escala das funcionárias para isso. Seu filho lembra que quando ela via que uma situação exigia chamar atenção para restabelecer a ordem e o respeito entre os alunos, Ondina dizia: “- Meninos...” e essa intervenção era suficiente para que todos entendessem e dispersassem o tumulto.

Em 1973, Ondina perdeu o filho Edson, que caiu de uma cachoeira, aos 23 anos de idade, vindo a falecer por isso. Essa perda muito abalou a família e sobretudo a mãe. Como forma de suportar e dor, Ondina preservou as roupas do filho até o fim de sua vida. Seu falecimento em 08 de outubro de 2004.

Já aposentada e com mais idade, precisou de cuidados aos seus olhos e de consultas com oftalmologista. Paulo Roberto lembra que a incentivava a ir fazer as consultas em Curitiba e não aqui, como uma oportunidade de passeio para ela. A

⁸ Acadêmica ocupante da Cadeira 16 da Academia de Letras do Vale do Iguaçu (ALVI)

princípio ela resistia, mas acabava concordando, o que revertia em ocasião de encontro e entretenimento tanto para a mãe como para o filho.

Episódio que evidencia sua marcante presença na vida dos alunos foi a visita que recebeu da aluna Gerda Frey, cinquenta anos depois de ter passado pela sala de aula de Ondina. A ex-aluna, passando pela cidade de União da Vitória, fez questão de visitar a antiga mestra, e para isso realizou busca de seu endereço, consultando várias pessoas, até que chegou a ela. Momento de grande emoção para as duas. Para a aluna, por ter encontrado a querida professora. Para a professora, por ver-se lembrada e amada pela aluna, mesmo depois de tanto tempo.

Quem conhecia Ondina como pessoa e mãe não podia acreditar que tivesse a profissão de professora de crianças. Sua notável humildade e tranquilidade, ainda que em tempos em que se praticava mais o respeito aos professores, tempos em que a hierarquia era observada, pareciam incompatíveis com o comando necessário para trabalhar em uma sala de aula. Serena, suave e calma, Ondina falava muito baixo. Seu tom de voz era quase inaudível. No entanto, convicta de seu papel, de seu lugar de professora, era tal sua natural e congruente autoridade que, pela simples presença diante dos alunos, nunca ninguém a ouviu elevar o tom de voz para manter a disciplina e a ordem na classe.

Ondina foi exemplo raro de autoridade perante os alunos pela forte convicção do lugar que ocupava, bem como do papel que devia desempenhar com os educandos, sem que para isso precisasse recorrer à alteração de voz e ajudas de fora da sala de aula, como orientadoras educacionais nem às famílias dos alunos. Além de ensinar as matérias do currículo, ensinou à sociedade o respeito à profissão e ao honrado e insigne lugar de professora.

Fonte:

<https://www.fraiburgo.sc.gov.br/2017/index.asp?nv=3&content=161>. Acesso em 13 de agosto de 2020.
Entrevista com filho de Ondina, Paulo Roberto, em 17 de julho de 2020.

Yeda Cordeiro Ramirez

22/03/1923

Odilon Muncinelli

A própria acadêmica Yeda Cordeiro Ramirez narra o seu perfil biográfico:

– “Nasci em Rio Negro, Paraná, em 22 de março de 1923. Meus pais: Antônio Pinto Cordeiro e Isaura Maria Isabel Corrêa Cordeiro. Junto aos meus irmãos, Yone, Athos e Inah, tive uma infância muito feliz, rodeada de carinhos de minha mãe, que era professora normalista. Foi assim que tendo uma mãe que também escrevia, eu desde cedo tive imenso gosto pela leitura, pois manusear o “Tesouro da Juventude” era um prêmio diário. Sem pretensões escrevo desde meus 14 anos de idade, como diletante. Pura satisfação pessoal, como cantar, declamar, dançar, estudar piano. Atualmente trabalho no Colégio São José. Tomo conta da Videoteca, mas, por 9 anos, fui bibliotecária, com grande proveito e prazer. Estudei no Grupo Escolar Barão de Antonina, do qual tenho a maior saudade e orgulho. Maravilhosa infância. Mas os anos me trouxeram a honra de pertencer à Academia de Letras do Vale do Iguaçu, como fundadora, ocupando a Cadeira n.º 30, Patrono Professor Serapião. Tenho farto material em poesias, crônicas, pequenos contos, tudo inédito. Agora tenho necessidade de editar um livro. O prefácio explica tudo. Agradeço a bondade de todos. 18/2/2004, Porto União-SC”.

Escreveu e publicou inúmeras poesias e crônicas em jornais, revistas e rádios locais. Obra publicada: “Poemas azul–violáceos” (2005). Morreu em Porto União, Santa Catarina, no dia 22 de março de 2007. Anotação: Na Sessão de Saudade, Lili Matzenbacher apresentou a Biografia e a Obra da Acadêmica (Odilon Muncinelli).

Zelir Pelegrini

20/10/1927

Leni Trentin Gaspari



Zelir Pelegrini, conhecida como Sani, nasceu em 20 de outubro de 1927, na cidade de Bituruna, filha de Paulo e Francisca Pelegrini e faleceu no dia 31 de maio de 2014, no dia em que receberia da Academia de Letras do Vale do Iguaçu a Comenda Pinhão do Vale (medalha e diploma) pelos relevantes serviços prestados na área assistencial e social em Porto União. Nesse dia, integrantes da Alvi e do Hospital São Braz, sentiram-se entristecidos e de luto, mas não deixaram de prestar as homenagens à querida Sani.

Sua história de vida entrelaça-se com a história do hospital na medida em que ali chegou ainda criança, e fez dele seu lar e seu espaço de trabalho até o fim dos seus dias. Chegou ao hospital São Braz, ainda menina para um tratamento de saúde e acabou ficando pelo gosto que tomou pela área de saúde e pelo hospital.

Curiosa e sempre querendo aprender e ajudar, com o passar dos anos tornou-se uma pessoa indispensável, amada e querida por todos que com ela conviviam. Recebeu o apelido carinhoso de Sani e assim ficou conhecida por todos. Isso mostra, que nem sempre o lugar no qual se nasce e família consanguínea, determinam o lar de uma pessoa, mas sim o lugar e o local em que as pessoas se identificam e assumem como seu para se dedicar por toda a vida como ela o fez. Odilon Muncinelli (2014) define melhor quem foi a parteira Zelir Pelegrini. Ela: “[...] fez do Hospital o seu lar, dos médicos e enfermeiros a sua família e dos doentes os seus filhos. Sua história quase se confunde com a do Hospital”.

Durante a solenidade organizada pela Alvi, várias homenagens foram prestadas. Representando Hospital São Braz, Dr. Ayrton Martins, dedicou uma linda fala sobre ela relatando várias passagens da vida da amiga no Hospital, ressaltando suas virtudes e em especial o amor ao próximo. Em nome da Academia de Letras do Vale do Iguaçu, a Acadêmica Therezinha Leony Wolff fez emocionante pronunciamento. Sirvo-me dos testemunhos deles. **Dr. Ayrton Martins relata como se deu a iniciação dela, como**

parteira, ainda muito jovem. Dr. Lauro Müller Soares foi o professor e amigo que lhe ensinou na prática o que ela precisava aprender para se dedicar à nobre missão de parteira.

Assim, começou o aprendizado para tão importante profissão daquela que se tornaria responsável pelo nascimento de muitos bebês e atendimento a muitas jovens que se tornaram mães. Ela que não foi mãe sempre soube dizer a palavra certa na hora certa a quem precisava dela. Seu instinto maternal floresceu e tornar-se parteira para Sani **foi um aprendizado que tinha tudo a ver com ela, pela sua paciência, carinho e atenção para com as pessoas, como constato no depoimento** da escritora Therezinha Wolff (2014, p.167):

— Conheci mais de perto a nossa homenageada, quando fui mãe pela primeira vez, em 1956. Primeiro filho, parto sempre um pouco mais demorado, 24 horas de espera num quarto do Hospital. Seguidamente a porta se abria e lá entrava Sani, trazendo um pouco de alívio. As palavras denunciavam sua descendência italiana: “Tudo bem? Vai tomando esse ‘sazinho’ que ‘azuda’ bastante”. Já no segundo filho, parto rápido, numa madrugada de dezembro, quando o racionamento da luz elétrica estendia-se das 24h ao amanhecer, lá estava a decidida Sani, num dos quartos de madeira, ampliação na ala direita do Hospital, apenas com uma lanterna de pilhas, ajudando a vir ao mundo um querido garotão. Nunca imaginei que o meu caminho e o meu destino viessem um dia se encontrar aqui, para homenagear a mulher corajosa, capaz de me, animar e socorrer nas horas difíceis, de trazer dois filhos ao meu regaço.

Paciente e sempre com muita dedicação em tudo o que fazia, suas funções foram ampliando-se no hospital, aprendendo na prática várias habilidades na área de saúde e tornando-se atendente de enfermagem. Esclarece Dr. Ayrton Martins: “[...] foi responsável pelo setor de material cirúrgico, o que fazia com extremo esmero, limpando peça por peça, metal por metal, para mantê-los todos bem esterilizados. O baixo índice de infecção hospitalar do São Braz, um dos mais baixos do Estado, deve-se muito a ela”. Tudo fazia para o seu “São Braz”, sua preocupação estendia-se a até comprar, do seu próprio salário, material que ela entendia ser necessário substituir. Essa atitude levou a direção a pedir a todos cirurgiões e auxiliares que não manifestassem seu reclame próximo a ela e sim levassem o material a ser substituído para a administração fazer sua troca ou conserto .

Assim era Sani, nada pedia para si, simples, humilde, sua preocupação primeira era sempre o Hospital, segundo o Dr. Ayrton Martins (2014, p.171)

Lá pelos anos de 1954/1955 ao passar pelo corredor foi chamada pelo Dr. Lauro que a apresentou a um senhor e disse à ele: aqui você tem mais um voto garantido. Agradecido dirigindo-se a ela perguntou, menina, o que você precisa e ela respondeu, eu nada, mas o hospital precisa de algumas painéis e então ele retirou do bolso 50 cruzeiros e entregou a Sani. Era o Dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira que visitava seu contemporâneo da Faculdade de Medicina da UFMG, Dr. Lauro Muller Soares.

O tempo foi passando e essa dedicação a tudo que fazia brotou sentimentos de reconhecimento e saudações pela comunidade e assim foi que recebeu o Título de Cidadã Honorária de Porto União. Título merecido que trouxe alegria ao seu coraçãozinho. A outorga da Comenda Pinhão do Vale (certificado e medalha) da Academia de Letras do Vale do Iguaçu-Alvi, foi a forma carinhosa que essa Instituição encontrou para homenageá-la. Aconteceu como homenagem póstuma, no dia do seu falecimento, e foram entregues à Dra. Magali Unterstell Brittes, médica do hospital são

Braz e amiga especial de Sani. Concluo este texto com as palavras do Dr. Ayrton Martins, seu amigo e representante para falar em nome dela (a seu pedido, dias antes do seu falecimento) na cerimônia de entrega da Comenda.

O Hospital de Caridade São Braz está de luto, e seus integrantes choram a perda de um pilar da entidade, o mais humilde, o mais modesto, mas certamente ENORME pilar, de imensurável valor humano, que marcou e marcará a história de tantos, pois deu para o hospital uma vida de trabalho, de dedicação. Os médicos que tiveram o privilégio de sua convivência e, principalmente, de trabalhar ao seu lado, desde quando os cabelos dela ainda eram pretos, jamais a esquecerão.

MARTINS, Ayrton. Revista da Alvi, n.07, p. 171,2014.

MUNCINELLI, Odilon. Pareira Sani. Jornal O Comercio, 2014.

WOLFF, Therezinha Leony. Revista da Alvi,n. 07,2014.